

povoados. A *porca* do pelourinho pertenceu seguramente a um d'estes povoados, que de certo não distaria muito da moderna cidade, se é que não se confundia com ella. Que interesse não adviria para a sciencia em buscar os outros restos da pre-romana *Brigantia!

O Museu ahi está fundado: que elle contenha d'aqui a pouco os materiaes indispensaveis para se poder recompôr nas suas linhas geraes a historia primitiva do territorio bragançano, são os meus mais ardentés desejos.

J. L. DE V.

Estudos sobre Panoias

Pelo que escrevi no *Arch. Port.*, I, 38, 39 e 271, sabem os leitores que em Panoias, freguesia de Valle de Nogueiras, ou Vallongueiras, perto de Villa Real de Trás-os-Montes, ha uma importante estação archeologica luso-romana, que tem merecido, desde o seculo XVIII, o aprêço e cuidado dos estudiosos.

Já por pedidos particulares a individuos influentes da localidade, já por um appêllo que no *Arch. Port.*, I, 271 e 272, dirigi á Ex.^{ma} Camara Municipal, tenho procurado conseguir que aquella estação seja convenientemente resguardada, e salva da completa destruição que a ameaça: por ora ainda nada obtive!

Em quanto o camartello do pedreiro não estraga tudo, irei aqui inserindo uma serie de estudos, a ver se, mostrando claramente a importancia dos monumentos, as pessoas a quem compete superintender nelles se resolvem a acudir-lhes.

1. Cavidades abertas em fragas

Que na estação de Panoias se realizavam cultos pagãos, não ha dúvida nenhuma, pois as inscripções o dizem; mas seria ella só destinada a esse fim? Eis o que não poderá saber-se, sem se proceder primeiro a algumas investigações.

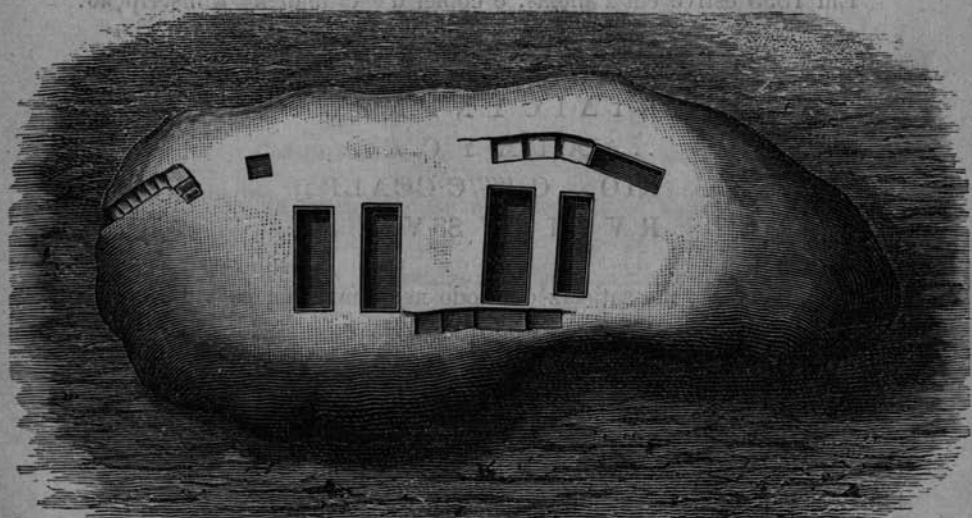
Do relatorio do sr. engenheiro João Henrique von Hafe, a que me referi no *Arch. Port.*, II, 249, extráio a seguinte noticia:

«Copiei tambem, por estar mal representada na obra do Contador d'Argote, uma fraga, na qual se encontram cinco grandes cavidades rectangulares com rebordos destinados a receber lages ou tampas; não pude descobrir nenhuma d'essas tampas. Sobre essa fraga ha um

systema de sulcos abertos na rocha, que impedem a entrada das aguas pluviaes no interior das cavidades».

Esta noticia era acompanhada de uma estampa que reproduz na figura junta.

No *Boletim da Associação dos Archeologos Portugueses*, 3.^a serie, pag. 51-53, publicou o Sr. Gabriel Pereira outro artigo, com estampas, á cêrca dos fragedos de Panoias.



2. Inscripção greco-romana

Em alguns dos rochedos graniticos em que abunda aquelle local foram insculpidas inscripções sagradas,—uma em grego com umas palavras latinas, e outras completamente em latim. Todas estas inscripções estão já publicadas, mas imperfeitamente, em virtude da difficuldade da leitura.

A inscripção grega é dada assim no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 2395-c, aproximada á versão de Argote:

ΥΥΙCΤCΥCΙW
 ΠΙΔΙCΥΝΓΝΡΟ
 ΟΥΚΑΙΜΥCΤΟ
 ΡΙCΙΓ·C·C·CΑLΡ·
 ΡVFINVS·V·C·

Argote diz que estes caracteres não são latinos, nem gregos, nem hebraicos, nem de outras linguas orientaes, nem tambem punicos—considerando-os por isso como ibericos¹; o inglez W. Kingston, numa descripção que fez de Panoias, chamou-lhes «unknown characters»²; já porém na *Bibliotheca Universal de la Polygraphia Española*, de Rodriguez & Nassarre, Madrid 1738, pag. XII (prologo), se diz que elles são gregos,—e o mesmo nota o Sr. Hübner no *Corp. Inscr. Lat.*, *loc. laud.* Mas a inscripção, tal como está, é illegivel.

Em 1895 estive em Panoias, e copiei d'esta maneira a inscripção:

Y Y I G · T Ω C.....
 Π Ι Δ Ι C Y N F N R O
 A I M Y C.....
 RIO... C·//////C·CCALP
 R V F I N V S V · C ·

Esta cópia não me satisfaz de modo nenhum, e espero voltar a Panoias para proceder a novo estudo; todavia julguei dever publicá-la assim mesmo, porque póde ser que, entre tanto, outro investigador, mais feliz que eu, a complete.

Os pontos indicam que naquelles lugares ha letras sobre cujo valor tenho dúvidas. Tambem não tomo a responsabilidade do final da 2.^a linha.

Talvez a parte grega legivel da inscripção possa transcrever-se provisoriamente do modo seguinte:

Υψίστω Σ.....
 πιδι σν.....
 [x]αι μυσ[τη].....
 ριως.....

O resto é um nome latino: *C. C. Calpurnius Rufinus, v(ir) c(larissimus)* [ou *v(oti) c(ompos)*?]³.

¹ *Memorias de Braga*, I, 354.

² *Lusitanian sketches, of the pen and pencil*, Londres 1845, pag. 350.

³ Conhecem-se outros exemplos de mistura de texto grego com latino, sobretudo sendo este constituido por nomes de pessoas: vid. *Corpus Inscriptionum Graecarum*, vol. III, Berlim 1853, pag. 1036, 1038, 1045, 1270, etc.

Tradução presumível:

«Ao muito alto S....pis¹, ao mesmo tempo a..... e aos mystérios: C. C. Calpurnio Rufino, etc.»².

Se todas as inscripções e as outras pedras historicas de Panoias merecem que a Ex.^{ma} Camara Municipal volva para ellas olhos de misericordia, mandando-as resguardar, esta inscripção reclama sobretudo especiaes cuidados, por ser unica no seu genero em Portugal.

J. L. DE V.

A archeologia em Evora

Cursos escolares.—Monumentos nacionaes

Ainda não ha muitos annos não se fallava, senão por excepção, em Archeologia e pouca attenção se dava aos monumentos e aos objectos antigos, que, por vezes, appareciam num ou noutro ponto das localidades. Depois da propaganda encetada pelo sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, coadjuvado pela Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portugueses (de que foi, até ao seu fallecimento, Presidente), os estudos archeologicos tem-se desenvolvido, e como consequencia tem sido chamada a attenção de muita gente para as investigações archeologicas, o exame e a conservação dos monumentos e dos objectos que pertenceram aos nossos antepassados, que nos vem dos tempos decorridos.

No país tem-se instituido *Cursos de Archeologia* nos Seminarios de algumas dioceses³, e mesmo alguns Prelados, como o sr. Bispo de Beja, teem composto livros elementares para o ensino d'esta sciencia⁴.

Entretanto, em Evora, cidade antiga, cheia de edificios notaveis, de obras monumentaes, aonde a cada passo se encontra uma antiqua-lha, e aonde a cada sitio está ligada uma lenda ou annexo um facto

¹ ὕψιστος, no dativo ὑψίστῳ, era um qualificativo que se dava aos deuses: *muito alto, altissimo*. A syllaba πιδ: póde ser terminação do dativo de um nome divino acabado no nominativo em -πίς ou -πιδ.

² Poder-se-hia pensar que a ultima letra da primeira linha com as quatro primeiras da segunda fizessem parte de uma palavra tal como Σεράπιδι (*a Serapis*); mas não sei se a pedra dará isso.

³ Veja-se no *Arch. Port.*, I, pags. 17, 92 e 310.

⁴ *Elementos de archeologia e Iconographia christã*, por D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro, Bispo de Beja. Coimbra 1887.